



“As someone who has spent most of my life constantly traveling and moving, the concept of home is a nebulous one at best. Home is not any one town or city, nor does it correspond to my family, who are scattered across 4 continents. Nor is it even about people, who seem to come and go almost as much as I do. It’s an old trope that ‘home is where the heart is,’ but that was clearly written by someone who has never been denied a visa, or packed everything they own into 2 suitcases, or found themselves trying to learn their third local language in as many years. But there is one small kernel of truth in that phrase; fundamentally, home is a place, either imagined or physical, where the heart can relax and breathe for a moment, where it stops worrying about whether or not it should *really* be there. Ultimately, home is a comfortable, confident sense of belonging. For me, this feeling is fleeting, not tied to any one place or person. I feel this most in the moment when I claim spaces abandoned by others, say a rainy pre-dawn or mid-night walk when the natives are in their respective homes with their families, when the normalcy of daylight fades and the city becomes a different a quiet, empty world unto itself, a place that I can inhabit and, if only for a few minutes, simply belong. This is home.”

Para alguém que, como eu, passou a maior parte da vida em constante viagem e mudança, “casa” é um conceito nebuloso, na melhor das hipóteses. “Casa” não é uma cidade ou vila, nem corresponde à minha família, que está espalhada por 4 continentes. Nem sequer pessoas, que parecem ir e vir quase tanto como eu. “Casa é onde está o coração” é um velho tropo, claramente escrito por alguém a quem nunca foi negado um visto, ou que nunca teve de meter tudo o que possuía em duas malas, ou que deu por si a tentar aprender a sua terceira língua autóctone no mesmo número de anos. Mas há um pequeno grão de verdade nessa frase; fundamentalmente, casa é um lugar, seja imaginado ou físico, onde o coração pode descontraír e respirar por um momento, onde ele para de se questionar se realmente deveria ou não estar ali. Em última análise, casa é um sentimento de pertença confortável e confiante. Para mim, esse sentimento é passageiro, não está ligado a nenhum lugar ou pessoa. Sinto-o mais no momento em que reivindico espaços abandonados por outros, por exemplo numa caminhada à chuva, pela madrugada ou a meio da noite, quando os outros estão em casa, com a família, quando a normalidade da luz do dia se dissipa e a cidade se torna um mundo diferente, vazio e tranquilo em si mesmo, um lugar que eu posso habitar e, ainda que apenas por uns minutos, a que posso simplesmente pertencer. Isto é “casa”.